

VULGÍVAGA: o trânsito entre a prostituição de rua e a prostituição de luxo nas escritas putas

Taynara Mirelle do Nascimento de Araújo
(UFC)¹, taynara.mirelle.araujo@gmail.com

RESUMO

Enquanto autobiografias de trabalhadoras sexuais brasileiras como *O prazer é todo nosso* (2014), de Lola Benvenuti, e *Morri para viver* (2015), de Andressa Urach, relatam exclusivamente o universo da prostituição de luxo, uma das autobiografias mais famosas do Brasil, *O doce veneno do escorpião* de Bruna Surfistinha, mostra “o transitar das prostitutas entre os espaços de “alta” e de “baixa” prostituição” (Ribeiro, 2024, p. 168). Escritas putas como as de Bruna Surfistinha cooperam para o entendimento das aproximações e dos distanciamentos destes dois polos do trabalho sexual. Assim como, as autobiografias de Amara Moira (2016) e Gabriela Leite (1992, 2009) dão dimensão da complexidade deste trânsito, já que estas, embora fossem universitárias brancas de renomadas universidades paulistas, com circulação entre o meio intelectual e artístico de suas regiões, foram exercer o trabalho sexual nas esquinas e não em flats ou casas noturnas luxuosas como o seu perfil levaria a crer. Para Natânia Lopes (2021, p. 17), as trabalhadoras sexuais que trabalham na prostituição dita “de luxo” operam cotidianamente este trânsito entre classes, tendo que ostentar símbolos de pertencimento a uma classe social elevada (à qual não pertencem) para conquistar clientes dispostos a pagar por esse serviço aparentemente mais requintado. Contudo, Amara e Gabriela fizeram um trânsito diferente: nelas, esse fenômeno que Lopes nomeia como “travestismo de classe” se inverte, ganha uma nova forma e outras explicações. Outro elemento que se destaca quando se pensa nesse trabalho é que, tanto na prostituição das ruas como na prostituição de luxo, para o sucesso na profissão, a trabalhadora sexual tem que estar disposta a migrar. As escritas putas de Lourdes Barreto (2023) e Fátima Medeiros (2024), ao falarem dos seus muitos deslocamentos no exercício do trabalho sexual por décadas em navios, garimpos e cidades interioranas do país, contam desse cotidiano migrante. Mudar de tempos em tempos de local de trabalho é muitas vezes uma necessidade para manter o sigilo perante familiares, para conquistar uma nova clientela e/ou para acessar modalidades diferentes no universo do trabalho sexual. Com isso, é compreensível o uso do termo vulgívaga, retomado por Eliane Robert Moraes (2023), como uma das denominações para puta, com significados ligados à errância, ao perambular, ao se desviar da cidade, do disciplinamento, dos regimes sexuais. Fundamentando assim a imagem da prostituta como a de uma aventureira, conhecedora dos caminhos do desvio, que traz um conjunto de saberes e subversões em sua bagagem. Este

¹ Doutoranda em Sociologia (UFC). Mestre em História Social (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6073326016967235>.

trabalho se propõe, portanto, a investigar este transitar das trabalhadoras sexuais tanto entre os polos, que se pensam muitas vezes antagônicos, do “alto” e do “baixo meretrício”, como do seu deslocamento por diferentes zonas de prostituição. Adotando uma perspectiva interseccional, a análise evidencia como marcadores sociais de classe, raça, gênero, sexualidade, escolaridade e território se entrelaçam na construção de narrativas plurais sobre o trabalho sexual. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, combinando revisão bibliográfica e leitura crítica das obras.

Palavras-chave: Autobiografia; Escritas Putas; Trabalho Sexual; Estudos de Gênero; Interseccionalidade.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lourdes. **Putas Autobiografia**. São Paulo: Claraboia, 2023.

BENVENUTTI, Lola. **O prazer é todo nosso**. Araraquara: Editora MosArte, 2014.

BENVENUTTI, Lola. **Por que os homens me procuram?** São Paulo: Planeta, 2016.

LEITE, Gabriela. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOPES, Natânia. Sentidos e fantasias sobre o “luxo” na prostituição de “alto escalão” carioca. **Rev. antropol.**, v. 64, n. 3, USP, São Paulo, 2021.

MEDEIROS, Fátima. **Putas História**. Salvador, BA: Ed. da Autora: 2024.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo, 2016.

MORAES, Eliane Robert. **A parte maldita brasileira: literatura, excesso, erotismo**. Coordenado por Tatiana Salem Levy, Pedro Duarte. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2023.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

RIBEIRO, Karine de Medeiros. **Putagrafias**: análise discursiva de autobiografias de prostitutas brasileiras. Margem da Palavra: Cotia, 2022.

SURFISTINHA, Bruna. **Na cama com Bruna Surfistinha**: receitas de prazer e sedução. São Paulo: Panda Books, 2012.

SURFISTINHA, Bruna. **O Doce Veneno do Escorpião**. São Paulo: Panda Books, 2005.

SURFISTINHA, Bruna. **O que aprendi com Bruna Surfistinha:** lições de uma vida nada fácil. São Paulo: Panda Books, 2006.

URACH, Andressa. **Desejos da Alma:** Vencendo a Ansiedade, Depressão e os Vícios. Unipro Editora: São Paulo, 2019.

URACH, Andressa. **Mapa da Cura:** entendendo o cérebro de Andressa Urach. Edição da autora: São Paulo, 2025.

URACH, Andressa. **Morri para viver.** Planeta: São Paulo, 2015.